



**FACULDADE CALAFIORI**

**O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA CORPORAL E  
ECOLÓGICA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR**

**BRUNA DE CÁSSIA SILVA CARVALHO**

**ORIENTADOR: ROGÉRIO GRILLO**

**São Sebastião do Paraíso – MG**

**2011**

# **O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA CORPORAL E ECOLÓGICA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**BRUNA DE CÁSSIA SILVA CARVALHO**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Rogério Grillo

**São Sebastião do Paraíso – MG**

**2011**

# O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA CORPORAL E ECOLÓGICA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

AVALIAÇÃO: ( ) \_\_\_\_\_

---

Professor Orientador

---

Professor Avaliador da Banca

---

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2011

A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como  
sou - eu não aceito.  
Não aguento ser apenas um  
sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas,  
que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora,  
que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem  
usando borboletas.

Manoel de Barros

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais Márcia e Leonardo, pelo amor e confiança sempre presentes.

Ao meu amado Igor, pela inspiração, incentivo e paciência na reta final de conclusão deste ciclo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Rogério Grillo, pela prontidão e disponibilidade como orientador e suas oportunas e relevantes contribuições.

Aos amigos Anabel e Henrique pelo apoio ao projeto “Escola na Trilha”.

Á todos os alunos que participaram das trilhas na Serra da Canastra.

E ao Criador do Universo por seu cuidado e perfeição que me inspira a cada manifestação de vida.

# SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>I - CONSCIÊNCIA CORPORAL .....</b>	<b>12</b>
<b>II - CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA.....</b>	<b>17</b>
<b>III- ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA (AFAN).....</b>	<b>25</b>
3.1 AFAN: UM OLHAR TRANSVERSAL PARA O DESPERTAR DA CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR;.....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## RESUMO

Este trabalho objetiva realizar uma reflexão acerca da dimensão dos conceitos de consciência corporal a partir de um olhar ecológico, trabalhados no contexto da Educação Física escolar. Para tanto, o tema da pesquisa surgiu após a concepção de um projeto socioambiental chamado Escola na Trilha, com objetivo de realizar junto às escolas caminhadas ecológicas, no portal sul de entrada do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Delfinópolis, MG. A pesquisa, de caráter qualitativo, possui como problemática a seguinte pergunta: “Como proporcionar a reinvenção do cotidiano escolar por meio da promoção da consciência corporal e ecológica utilizando novas abordagens educacionais?”. A metodologia usada no trabalho foi uma análise diante de bibliografias, em que relatam o objeto da presente pesquisa. Assim, iremos discutir a importância da interdisciplinaridade entre a Educação Física e o Meio-ambiente, ademais, o surgimento dos conceitos de consciência corporal, consciência ecológica e das AFAN (Atividades Físicas de Aventura na Natureza), com a finalidade de constituir uma reflexão sobre “como os programas de atividades extraescolares podem despertar a melhora da qualidade de vida, harmonização consigo próprio e com a natureza”.

**Palavras-chave:** AFAN (Atividades Físicas de Aventura na Natureza); Consciência Corporal; Consciência Ecológica; Educação Física Escolar.



## **INTRODUÇÃO**

Os modelos educacionais no Brasil estão cada vez mais carentes de novas metodologias de ensino, basta olhar para a história de nosso país e comparar a falta de investimento neste setor dada à priorização nos avanços do setor econômico. Nota-se ainda a falta de consciência na escola pela preservação do meio em que vivemos. O meio no sentido amplo da palavra, que engloba a sociedade, plantas, animais e todo o ecossistema em uma relação de interdependência.

A educação física relacionada à consciência ambiental é um dos melhores caminhos para a transformação do olhar escolar sobre o meio, estimulando a reflexão para a sustentabilidade como uma prática de preservação da ecologia, que resgata valores perdidos na atualidade pelos indivíduos que não se vêem mais como parte do ambiente natural em que vivem. Todavia, a educação física escolar carece de programas eficientes que envolvam os alunos em atividades extra-escolares no qual eles sejam os protagonistas de sua própria história, baseada em valores fundamentais como a compreensão do seu lugar no universo, o amor pela natureza, interesse pelas questões de preservação de suas potencialidades e da percepção de como suas ações individuais são significativas para o ambiente do qual fazem parte.

Com isso, é de suma importância o desenvolvimento de atividades interdisciplinares que conectem a Educação Física e a Educação Ambiental para formação desses alunos, como há tempos a UNESCO (1975) apontou na Conferência de Belgrado:

A educação ambiental, como componente essencial no processo de formação e educação permanente, com uma abordagem direcionada para a resolução de problemas, contribui para o envolvimento do público, torna o sistema educativo mais relevante, mais realista e estabelece uma maior interdependência entre estes sistemas, seu ambiente natural e social, com objetivo de um crescente bem estar das comunidades humanas.

Pressupõe-se então que, uma proposta voltada para consciência corporal e ecológica através da educação física em atividades extraescolares torna-se essencial para o desenvolvimento de uma educação ligada à qualidade de vida através de exercícios físicos fora da escola, ou seja, o aluno levará consigo a aprendizagem física no dia-a-dia, além de contribuir para a saúde e o bem-estar ao longo da vida, sobretudo, compreender que existe uma relação de interdependência de um sistema vivo com a vida humana.

São muitos os esforços para a conscientização social de que o meio ambiente saudável é necessário à nossa qualidade de vida. A humanidade se tornou refém de sua própria criação, o desenvolvimento a qualquer custo, o modo moderno de vida, as grandes cidades, incontáveis conquistas tecnológica e cada vez maior a degradação do ambiente.

Para o embasamento de uma discussão ligada à corporeidade e ecologia através da educação física em atividades extraescolares, é necessária a busca de literatura pertinente aos eixos temáticos: 1) Consciência corporal; 2) Consciência ecológica; 3) AFAN – Atividades Físicas de Aventura na Natureza.

Além de estudos acadêmicos, buscam-se também bibliografias de áreas científicas que exploram uma reflexão filosófica sobre a ecologia como nas obras de Fritjof Capra, autor de *O ponto de mutação* (1982) e *A Teia da Vida* (1996). Pensadores nacionais também ganham relevância como um dos expoentes da Teologia da Libertação, Leonardo Boff que lidera o movimento de difusão da “Carta da Terra”.

As AFAN – Atividades Físicas de Aventura na Natureza – serão utilizadas como método pedagógico com a proposta de alcançar desenvolvimento pessoal do educando. O foco são as caminhadas ecológicas, já que estas práticas acentuam o envolvimento com o ambiente e reflexão sobre o espaço, envolvendo o caminhante com ele, num processo de revisão dos conceitos existentes comparados a outras atividades de impacto instantâneo. A pesquisa busca uma literatura abrangente, em

livros e artigos científicos, no intuito de responder de forma clara, concisa e conclusiva a problemática deste tema.

## **I - CONSCIÊNCIA CORPORAL**

Para abordar o conceito de Consciência Corporal sob um olhar ecológico é necessário tomar conhecimento sobre o contexto histórico. Desde a Idade Média foi, identificado pelos historiadores, um progressivo desligamento dos seres humanos da totalidade, notou-se um isolamento e preocupação por si, não frequentes em outras épocas. Como ressalta Silva (2001), até então mesmo no período medieval ainda não foram encontrados indícios de separação entre os seres humanos e destes com a natureza e essência divina. Assim, a tradução da natureza das coisas na sua totalidade, envolvendo os elementos água, fogo, ar e terra como as forças primordiais e essenciais que deram origem ao universo e também compreensão da natureza para desvendar os mistérios sem recorrer à mitologia.

Durante a Idade Média, a busca conduzida pela doutrina da fé visava resgatar o valor espiritual para explicar a inquietação da alma ou espírito no corpo. A dicotomia entre pensar e viver no corpo, em um olhar por Descartes (1979) na qual o corpo é puramente corpo e a alma é puramente alma, princípio que autoriza a razão e a ciência, como sua instituição, a conhecer e a dominar o corpo humano, tarefas as quais serão exacerbadas na atualidade. Ser animal e ser racional levou a orientação religiosa a ditar a moral e conduta para nortear a responder às inquietações humanas.

A doutrina Cristã, embasada em Santo Agostinho, adaptou os pensamentos de Platão, São Tomás de Aquino e Aristóteles, na qual o saber era vinculado a algo superior fora do alcance terreno, desconsiderando a noção de corporeidade e sua relação com a instabilidade do ser. Apenas o mundo estável, perene e certo era verdade e não permitia dúvidas ou questionamentos.

Mais tarde a filosofia moderna admitia a dúvida considerando-a como possibilidade de comprovação da razão através da racionalização com o intuito de jamais errar. Assim, o corpo começou a ser codificado, analisado, classificado, dissecado e então o foi reconhecido literalmente como máquina. Em Descartes (1979), ao separar corpo e alma radicalmente, esta perspectiva cartesiana reforça a ideia de maquinário, de funcionamento corporal independente da essência, atuando com mecanismos próprios.

O filósofo contemporâneo Michel Foucault ressalta que corpo é o prolongamento de uma máquina como instrumento útil do poder, possibilitando que o poder exerça seu domínio material, físico, corporal, ou seja, que invista no corpo como mão de obra para suprir as necessidades de força, rigidez e densidade. Ele é uma ferramenta para o uso da industrialização onde o “corpo se constitui como peça de uma máquina multi-segmentar” (FOUCAULT, 1987). Esse “homem-máquina” está sujeito a um comando, a obediência como meta de boa conduta. São ordens como: “Comporte-se!”, “Não mexa!”, “Tire a mão daí!”, “Mantenha a cabeça ereta!”, “Sente-se direito!” que remontam comportamentos do século XVII, no qual delimitavam a ação, o tempo e espaço estabelecido. Tal processo gerou um condicionamento de ações automáticas e sem consciência, um adestramento físico feito para funcionar sobre ordens, principalmente nos costumes e na educação.

Foucault (1987) também nos traz essa ideia dos “corpos dóceis”, onde o corpo social é por sua vez, “materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo do indivíduo”. Portanto mesmo disfarçada sem a rigidez dos séculos passados, as instituições necessitam das delimitações físicas, de horários a serem cumpridos, da hierarquização das tarefas, controles de funcionamento e vigilância contínua contra qualquer desordem. Nessa situação o corpo se torna um mero executor de tarefas.

É neste contexto que identificamos uma falta de conscientização corporal que levou o indivíduo a um patamar daquele que não associa si mesmo ao seu próprio corpo. Surge então uma falta de unidade do corpo com o ser humano. O corpo torna-se um objeto sem existência e suas partes são tratadas separadamente de uma unidade, a unidade corporal. O maior problema está na perda de um olhar para a complexidade que cada ser tem individualmente, uma complexidade baseada na potencialidade do seu corpo e não na limitação do mesmo. Para Morin (1999) existem sete saberes necessários á educação do futuro, no texto de mesmo título elaborado a pedido da UNESCO em 1999, ele aponta que o humano permanece

cruelmente dividido que se trata de um problema epistemológico, onde é impossível conceber a ideia de unidade, contrária á de reduzir a unidade humana a um substrato bio-anatômico. A consciência corporal deve surgir de uma reflexão entre a relação sujeito (eu) e objeto (meu corpo), onde a experiência entre os dois torna o individuo potente diante sua complexidade. O corpo não pode ser pensado de forma fragmentada como máquina, mas sim parte de um sistema vivo interdependente.

Partindo da ideia de unidade do ser humano com o todo, a consciência corporal na educação física escolar se mostra como base fundamental para desenvolvimento de cidadãos mais sensíveis e críticos em relação ao meio que os cercam e o conhecimento de suas sensações físicas quanto a isso. Desconhecer o corpo relacionado ao seu interior, que não pode ser visto ou tocado, além de intrigante, certas vezes pode ser incomodo, mas compreensível devido os limites da natureza humana. Já de acordo com Anaruma , Emerique (1997) desconhecer o corpo no seu exterior, ignorando sua estrutura, possibilidades de movimentos e limitações, é falta de compromisso consigo próprio. A Educação Física Escolar é fundamental neste aspecto para o desenvolvimento integral do ser humano, já que para a consciência corporal é pré-requisito para a prática de qualquer atividade física. A esse respeito, Gonçalves (1999) propõe que:

Focalizando como ponto central de ação educativa a corporeidade e o movimento, a Educação Física (...) pode tornar-se um campo amplo de possibilidades de resgatar no homem a criatividade, a sensibilidade e a identidade consigo próprio e, sobretudo na natureza social. Isso significa ver o homem como ser ativo e participante na construção do seu mundo, que busca em sua prática - concretizar os anseios de verdade e justiça social.

A corporeidade é fundamental, na educação em geral e na vida humana, o corpo é o referencial de presença no mundo e de vida. Segundo Assmann (1995), corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que pervaga tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência do ser humano global enfim é de entrada falaciosa.

Merleau-Ponty (1994) aponta que: “A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto e outro

sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência.” Assim a corporeidade parte do ponto de vista biológico, corpo-mente sem dissociação, já que pertencem a um conjunto que se inter-relaciona a todo o momento. O corpo vai além dos músculos e ossos, ele carrega os traços e símbolos da cultura de um povo, é o primeiro e mais natural instrumento do homem e este é um ser essencialmente corporal.

Característica inata de todos os seres humanos a Consciência Corporal deve ser estimulada para que não se perca em meio ao processo de socialização, em que aos poucos as repressões e a visão que estes corpos controlados ficam mais seguros e submetidos à autoridade do professor, este erro vai aos poucos soterrando todas as formas de experimentar diferentes movimentos e ter domínio sobre seu corpo. A escola, por sua vez, deveria ser a principal aliada no desenvolvimento dessas potencialidades, mas não é bem assim que funciona. Ao analisarmos o modelo educacional vigente, percebemos sob uma visão partindo das ideias de Foucault (1997), existem semelhança aos sistemas de fábricas, de um ponto de vista materialista, o ideal para aumentar a produção, o recreio é o único momento onde a criança pode experimentar a liberdade do movimento, sabe-se também da real situação da estrutura física das escolas que muitas vezes não possuem o espaço e tempo necessários, este é mais um obstáculo para o desenvolvimento desse conceito de conscientização.

Ainda com um olhar crítico Mosé (2009) explana sobre o idealismo platônico ao qual está submetida a escola atual, quanto mais o conhecimento é abstrato maior ele é, existe uma valorização maior da ideia e não da vida, é mais fácil ouvir teoricamente sobre consciência corporal do que ter experiências práticas de métodos que a desenvolvem. Em pesquisa sobre como os alunos se sentem dentro do contexto escolar, Anaruma (1994) identificou que o aluno sente mais prazer fora da sala de aula do que dentro dela; vê a escola como prisão e os professores como ameaça. O tempo que ficam sentados também é visto como prejudicial.

O fato da escola fragmentar a construção do pensamento faz com que exista uma percepção incompleta do corpo. Segundo Mosé (2009) em uma reflexão sobre os desafios da educação no mundo contemporâneo:

Perdermos a noção do corpo, não temos mais a noção de toque, visão, audição, solidão, capacidade de existir como pessoa, processo de vida. A mudança conceitual é reaprender a ver, a ouvir, a pensar

porque o pensamento fragmentado afasta o ser humano da única coisa que existe, que é a vida (MOSE, 2009).

Pensar a escola como um ambiente que prevalece sistemas vivos e não provindos da era industrial, nos permite avançar em uma discussão baseada na relação entre um “homem-natural”, contrapondo aquele “homem-máquina”, ou seja, o indivíduo que valoriza suas potencialidades diante seu próprio corpo, sendo capaz de identificar sua presença no meio onde vive. A verdadeira consciência corporal é aquela baseada em uma visão sobre a ecologia, pensando a ecologia em seu sentido profundo. A ideia de Consciência Corporal foi explanada no presente capítulo, dando ênfase ao olhar ecológico, pressupõe-se assim que o próprio ser humano tende a se dividir, categorizar e separar fenômenos vitais da própria natureza. Quando no século XIX aparecem as preocupações ambientais, a ecologia surge para estudar o meio ambiente e formaliza a separação entre ser humano e Natureza, característicos a racionalidade. Como veremos no capítulo seguinte.

Para isso é necessário uma consciência ecológica relacionada a educação. De acordo com Capra (1996):

O novo paradigma que emerge atualmente pode ser descrito de várias maneiras. Pode-se chamá-lo de uma visão de mundo holística, que enfatiza mais o todo que as suas partes. Mas negligenciar as partes em favor do todo também é uma visão reducionista e, por isso mesmo, limitada. Pode-se também chamá-lo de visão de mundo ecológica, e este é o termo que eu prefiro. Uso aqui a expressão ecologia num sentido muito mais amplo e profundo do que aquele em que é usualmente empregado. A consciência ecológica, nesse sentido profundo, reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Essa percepção profundamente ecológica está agora emergindo em várias áreas de nossa sociedade, tanto dentro como fora da ciência.



## II - CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

“A interpretação ambiental é uma forma de despertar a consciência, trazendo à tona a importância de se conservar através de atividades ou dinâmicas que aproximem o público das realidades sobre as questões ambientais, sociais, culturais, históricas e artísticas. “ (MAMEDE, 2011)

A ideia de consciência corporal pode ser ampliada quando pensamos numa consciência ecológica. O contexto histórico da expressão “consciência ecológica” surgiu após a Segunda Guerra Mundial. Os setores industriais da sociedade ocidental começaram a perceber os impactos causados pelo desenvolvimento tecnocientífico industrial no ambiente natural. Neste momento observou-se um despertar da compreensão e sensibilização para as consequências do uso desenfreado dos recursos naturais tidos até então com infundáveis, reconhecendo assim as consequências futuras para qualidade da vida humana e o futuro da espécie de forma global.

Essa conscientização cresce até hoje, apesar das divergências com o modelo organizacional político social e de desenvolvimento econômico que influencia diretamente nos impactos ecológicos. A consciência ecológica surge principalmente como uma compreensão intelectual da realidade, não sendo apenas uma teoria e sim um meio de inspiração a respeito dos valores e sentimentos relacionados ao tema. É também uma forma de ‘re-unir’ a visão de que o homem e a sociedade estão separados da natureza, como podemos ver nas palavras de Vanreusel (1995) *apud* Marinho e Brunhs (2006):

Nesta etapa o mais alto nível ético não é mais centralizado no homem, ou na visão de que o ambiente está ali para servi-lo, por exemplo, para fins recreativos. Ele agora baseia-se em uma interdependência indissolúvel entre o homem e seu ambiente [...] o indivíduo não vive e brinca no ambiente natural, mais convive e brinca com o ambiente do qual ele faz parte e que deve respeitar como respeita a si próprio.

Esta percepção de unidade vem para derrubar o conceito individualista e antropocêntrico que caracteriza a cultura ocidental. Morin (1975) define bem este fenômeno quando afirma:

(...) a consciência ecológica é historicamente uma maneira radicalmente nova de apresentar os problemas de insalubridade, nocividade e de poluição, até então julgados excêntricos, com relação aos 'verdadeiros' temas políticos; esta tendência se torna um projeto político global, já que ela critica e rejeita tanto os fundamentos do humanismo ocidental, quanto os princípios do crescimento e do desenvolvimento que propulsam a civilização tecnocrática.

Podemos então refletir sobre algumas questões que permeiam tais ideias. Seria necessário uma nova visão sobre o humanismo para o despertar da consciência ecológica? Como a educação física escolar poderia colaborar com essa quebra de paradigma? A partir dessas perguntas tentaremos compreender a relação de Indivíduo, Ecologia e Educação.

Ao se pensar no Indivíduo, a lógica do ter para ser corrompe, transformando-o em consumidor ao invés de cidadão. Um dos principais vilões para o meio ambiente é o consumo excessivo. Esta é uma característica da sociedade contemporânea, condicionada ao modelo econômico vigente, o capitalismo. No Brasil essa relação fica clara quando se observa os vícios herdados de uma sociedade historicamente paternalista, autoritária, individualista e com pouca ou nenhuma educação política.

Por exemplo, dificuldades em resolver problemas comunitários são resultados dessas características históricas, que reforçam sentimentos de descrença, apatia e despreparo dos jovens que são manipulados pela mídia e pelo consumismo, sendo impossibilitados de desenvolverem o senso crítico. Atentar para a formação de indivíduos mais sensíveis não é só uma questão para cuidar da terra e sim para

cuidarmos de nós mesmos, enquanto civilização humana. Segundo um artigo publicado por Boff (2011):

A questão central nem é salvar a Terra. Ela se salva a si mesma e, se for preciso, nos expulsando de seu seio. Mas como nos salvamos a nós mesmos e a nossa civilização? Esta é real questão que a maioria dá de ombros, especialmente os que tratam da macroeconomia.

Em uma percepção da relação proposta pelo viés da Ecologia, será abordado um olhar desta por meio do conceito de Ecologia Profunda, bem apresentada por Capra (1996). Este autor nos auxilia na concepção de consciência ecológica quando afirma que há soluções para os principais problemas do nosso tempo e algumas delas são simples, porém requerem uma mudança radical de percepções, pensamentos e valores. Afirma no artigo “Ecologia Profunda, um novo paradigma” que o reconhecimento da necessidade de mudança ainda não atingiu a maioria dos líderes políticos, das corporações e nem dos administradores e professores de nossas escolas e universidades.

A visão de mundo holística vê o mundo como um todo integrado, que segundo Capra (1996) estamos todos encaixados nos processo cíclicos da natureza e a percepção da Ecologia Profunda vem reconhecer a interdependência fundamental de todos os fenômenos. A conexão nas mudanças entre pensamento e valores podem ser vistas em duas tendências: a de “auto afirmação” e de “integração”, ambas essenciais para todos os seres vivos. No Quadro 1 a seguir a oposição dessas duas tendências:

PENSAMENTO		VALORES	
Auto-afirmativo	Integrativo	Auto-afirmativo	Integrativo
Racional	Intuitivo	Expansão	Conservação
Análise	Síntese	Competição	Cooperação
Reducionista	Holístico	Quantidade	Qualidade
Linear	Não-linear	Dominação	Parceria

**Quadro 1:** Tendências.

**Fonte:** Capra (1996).

Se olharmos para a consciência ecológica como um contribuinte para o desenvolvimento crítico do indivíduo, notamos que tal conscientização cumprirá um papel fundamental da educação física, ou seja, apresenta uma formação não somente intelectual, mas intuitiva, baseada em pensamentos e valores que contribuem para uma visão do todo, e não somente da parte. São justamente tais princípios de integração e percepção do todo que o quadro acima ilustra.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de “conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;” e também “perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;”. Fica claro então a relação entre consciência corporal e ecológica de uma forma não somente utópica, mas sim necessária e prática (BRASIL, 1998).

Assim, a Educação Física encontra o Meio Ambiente como tema transversal segundo os PCN, contudo não basta apenas a realização de práticas físicas na natureza, mas sim práticas para o despertar da consciência corporal e ecológica por meio da educação física (BRASIL, 1998).

As interseções da Educação Física com este tema transversal, no que diz respeito ao cuidado de si mesmo como um elemento integrante do meio ambiente e à responsabilidade social decorrente, estão diretamente vinculadas aos aspectos desenvolvidos no item Saúde. No entanto, algumas outras reflexões são necessárias: Na sociedade contemporânea assiste-se ao cultivo de atividades corporais praticadas em ambientes abertos e próximos da natureza. São exemplos dessa valorização o surfe, o alpinismo, o bice-cross, o jet-ski, entre os esportes radicais; e o montanhismo, as caminhadas, o mergulho e a exploração de cavernas, entre as atividades de lazer ecológico. As características básicas de algumas dessas modalidades, como o individualismo, a busca da emoção violenta (adrenalina), a necessidade de equipamentos sofisticados e caros, devem ser discutidas e compreendidas no contexto da indústria do lazer. Ou seja, é ingênuo pensar que apenas a prática de atividades junto à natureza, por si só, é suficiente para a compreensão das questões ambientais emergentes. Embora possa existir, entre os adeptos dessas modalidades, o envolvimento com as questões ambientais, o que

determinará o nível reflexivo sobre uma ou outra questão ambiental é a reflexão crítica e atenta realizada pelos praticantes de cada atividade. (BRASIL, 1998).

No entanto, os PCN's (BRASIL, 1998) , questionam que a educação física escolar, na maioria dos contextos, ainda reproduz modelos no próprio tratamento metodológico como a alienação, quando se produz algo que não tem nada a ver com a sua vida, e consumismo, a criação permanente de novas necessidades transformando bens de consumo supérfluos em vitais, principalmente entre jovens que são influenciados negativamente pela mídia com publicidades voltadas para a prática de atividades em que objeto de desejo (como um tênis da moda) implica na inclusão de um determinado grupo de referência.

Segundo Cunha (2002):

É, sem dúvida, importante adquirirmos os conhecimentos que a ciência nos proporciona para podermos compreender, preocupar-nos e sermos intervenientes responsáveis, mas é preciso também viver, sentir e amar a natureza. Jovens criados entre quatro paredes, que da natureza só conhecem o que os filmes e vídeos lhes mostram, dificilmente podem ser sensibilizados para a problemática da educação ambiental.

O papel do professor é fundamental para esclarecer as reais necessidades para realização de determinadas práticas e relacionar os aspectos técnicos de conforto ou moda. Torna-se muito importante para o professor desenvolver o senso crítico do adolescente para reconstrução dos modelos ideais de vida.

Não é por meio de discurso puramente racional e elaborado que podemos substituir as experiências práticas e as vivências corporais. Como fazer para que todos tenham a experiência de fazer? Como permitir que cada um, a seu modo, tenha a oportunidade de experimentar? Como diz nos procedimentos dos PCN (BRASIL, 1998) “o movimento é real e não virtual. O gesto é a sensação, a emoção, a reflexão e possibilidade de comunicação e satisfação (...) pode parecer óbvio, mas a cultura corporal existe a medida que é cultivada”.

Um dos documentos que reforça as questões propostas aqui é a “Carta da Terra” (UNESCO, 2010). No momento onde a educação para o desenvolvimento sustentável tornou-se essencial a Carta Terra oferece um instrumento muito valioso é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção e inspiração dos povos para uma sociedade justa, sustentável e pacífica, relacionando a interdependência e responsabilidade global voltada para o bem-estar de toda a

família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. A declaração possui 16 princípios que vão desde a construção da cidadania até mesmo questões de democracia e não-violência. O princípio décimo quarto trata especificamente da relação entre Educação e Ecologia, como podemos ver na citação abaixo:

Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável. a. Prover a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável; b. Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade; c. Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no aumento da conscientização sobre os desafios ecológicos e sociais; d. Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma condição de vida sustentável (UNESCO, 2010).

Nesse momento identificamos uma possibilidade para resposta de uma pergunta fundamental feita por Edgar Morin relacionada à crise educacional que o mundo se depara: Como pensar o todo em uma escola fragmentada? De acordo com Mosé (2010), a escola fragmentada, dividida em disciplinas e grades curriculares, e distante da vida dos professores e alunos, se depara a cada dia com um mundo que faz perguntas cada vez mais globais e urgentes, como a necessidade de considerar o todo, o planeta, a cidade.

O saber fragmentado que nós levamos no corpo, na percepção, no modo de ver e de viver encontra hoje questões transversais planetárias e globais. Chegamos em um nível de percepção limitada sobre nosso próprio ecossistema, ou seja, do “conjunto” formado por todas as comunidades que “vivem e interagem” em determinada região e pelos fatores abióticos que atuam sobre essas comunidades, onde podemos pensar não só os seres humanos, mas também os seres mineiras, vegetais e animais.

Questões a qual a humanidade vive em crise atualmente, como o aquecimento global, trouxeram de volta em um processo quase que forçado pelas necessidades da natureza para sobrevivência, a noção do mundo, do planeta, das galáxias e da totalidade, ou seja, o indivíduo passou a olhar para fora de si, vendo a questão ambientais como uma questão universal.

Currie (1998) nos traz que:

Para garantir a sobrevivência da espécie, precisamos desenvolver o respeito mútuo entre os diferentes membros da espécie e uma compreensão global da fundamental importância de todas as formas de vida coexistentes em nosso planeta. As crianças de hoje precisam desenvolver essas atitudes básicas, durante sua permanência na escola, para poder contribuir amanhã, de forma consciente, para a melhoria de nossa aldeia global como adultos cidadãos plenos do mundo.

Morin (2000), em seu artigo “Os setes saberes necessários à educação do futuro” mostra que a humanidade vive agora em uma comunidade de destino comum e é necessário ensinar e não só reduzir a complexidade dos problemas de importância global.

Esse fenômeno que estamos vivendo hoje, em que tudo está conectado, é um outro aspecto que o ensino ainda não tocou, assim como o planeta e seus problemas, a aceleração histórica, a quantidade de informação que não conseguimos processar e organizar. Este ponto é importante porque existe, neste momento, um destino comum para todos os seres humanos. O crescimento da ameaça letal se expande em vez de diminuir: a ameaça nuclear, a ameaça ecológica, a degradação da vida planetária. Ainda que haja uma tomada de consciência de todos esses problemas, ela é tímida e não conduziu ainda a nenhuma decisão efetiva. Por isso, faz-se urgente a construção de uma consciência planetária.

Com a globalização e o acesso às informações, todos sabemos dos desafios que enfrentamos, pois crises sempre fizeram parte do processo civilizatório da humanidade. O ponto chave para refletirmos é a mudança paradigmática dos modelos educacionais vigentes. Esta crise atual não é apenas uma crise de conteúdo ou mudança de conteúdos, mas sim uma crise de estruturação, ou ainda, de modelos educacionais.

A conscientização ambiental e corporal são fundamentais para romper essa crise de percepção de um modelo adequado para a educação física escolar. Deve-se pensar em um contexto onde todas as coisas estão conectadas, não como uma linha de montagem, mas sim como um sistema complexo e vivo, não alienado, mas sim baseado em princípios éticos. Mosé (2009) afirma que ético é o ser humano, no qual reconhece que cada gesto dele tem um desdobramento infinito e que este desdobramento vai em algum momento recair sobre ele. Ético é o ser

humano que entende que não há nada isolado, e por isso presta a atenção nas pequenas coisas.

Uma escola que vê na educação o desenvolvimento da ética do indivíduo, é uma escola que valoriza processos de consolidação da aprendizagem de forma prática, ampla, diretamente ao estudante, ressaltando a troca de conhecimentos como saber mútuo. A educação física escolar deve valorizar a conscientização ambiental como uma alternativa eficiente onde as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) proporcionarão a ruptura com o cotidiano esgotado das quatro paredes da sala de aula com o amplo universo de sensações e percepções corporais vivenciadas na natureza.

Nessa perspectiva, o potencial educativo dessas atividades de aventura junto à natureza parece ser muito extenso, principalmente porque facilita situações educativas em experiências pouco habituais para os participantes, possuindo um forte caráter motivador, carregadas de emoção, de significado e de intenção. (PEREIRA e MONTEIRO, 1995).

Podemos perceber a importância desse tema, e do profissional a executar este plano de ação, tendo como instrumento as AFAN, abordadas no capítulo seguinte, um aliado na criação de programações atrativas e seguramente pedagógicas, voltadas não somente para fins de lazer, e sim carregadas de valores e princípios éticos.



### **III- ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA (AFAN)**

A terminologia AFAN (Atividade Física de Aventura na Natureza) foi utilizada primeiramente por Javier Betrán na década de 90, quando foram consolidadas as atividades surgidas, anteriormente, na década de 70. A nomenclatura mais utilizada pela mídia são “esportes de aventura”. Outros nomes comumente usados são: Esportes em Integração com a Natureza; Esportes Radicais; Esportes Selvagens; Esportes Californianos; Esportes em Liberdade; Esporte de Aventura na Natureza; Atividades Deslizantes de Aventura e Sensação na Natureza; Esportes Tecnológico; entre outros.

Todas essas designações se referem ao mesmo sentido, porém Betrán (2003) reconhece a polissemia desse esporte, quando propõe essa nova terminologia, que não utiliza o termo esporte, visto que tal fenômeno transcende a definição relacionado ao Esporte de Rendimento ou Esporte Espetáculo. Devido a busca de um termo que englobasse claramente as sensações procuradas pelos participantes como encontro pessoal, contato com a natureza, prazer e plenitude pessoal, a expressão AFANs (Atividades Físicas de Aventura na Natureza) surgiu dessa necessidade de aproximar o ser humano com o meio natural, para que pudesse ser desenvolvida a contemplação das belezas naturais e a fuga das pressões do dia-a-dia.

De todas as classificações e definições das AFAN, a que mais nos interessa são as caminhadas ou *trekkings*: caminhadas em diversos terrenos, normalmente em trilhas na natureza. Algumas vezes uma caminhada pode durar horas ou dias.

A caminhada não é um meio, mas um fim, colocando os sujeitos diretamente em contato com a natureza e possuindo o interesse estético relacionado ao divertido jogo de ideias. (BRUNHS, 2006)

Marinho (2004) enfatiza que a Educação Física pode valer-se da experiência da natureza (longe das quadras, dos ginásios, das piscinas, etc) para desenvolver estratégias de ação e potencializar nos alunos habilidades motoras, capacidades físicas e até mesmo fundamentos esportivos específicos. Uma grande variedade de objetivos educacionais em diferentes níveis poderão ser desenvolvidos como: o coletivo (habilidades cooperativas de comunicação), a física (aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras). A AFAN não é somente uma forma de se deslocar da escola com fins de entretenimento, que não deixa de ser válido, mas sim uma forma de valorizar a temática em emergência evidenciando tais práticas como valiosas oportunidades para mudança de comportamento, atitudes e valores, como destaca Marinho (2004):

O sucesso das AFAN (Atividades físicas de aventura na natureza) reside em proporcionar fuga do ambiente urbano, atender à atração pela natureza com a experiência segura de risco para, após a realização dos malabarismos corporais se ter algo a contar para os amigos.

Um modelo diferenciado para a educação física escolar onde as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) são uma proposta metodológica eficiente pois permitem como o distanciamento espaço-temporal das experiências cotidianas, além das experiências sensório motoras, ampliação do autoconhecimento e mudança de hábito em diversas dimensões. Marinho e Brunhs (2006) ressaltam que:

As AFAN (Atividades físicas de aventura na natureza) constituem experiências vivenciadas habitualmente com um marco natural proporcionando a seus praticantes uma aventura simbólica, isto é, a sensação de viver momentos excepcionais com riscos controlados e perigos imaginários, fluindo com a ajuda da tecnologia, aproveitando as energias livres da natureza. Esse universo de práticas pertence ao modelo hedonista-ecológico, cuja as características se fundamental na busca de sensações prazerosas em contato direto com a natureza, corresponde a um conjunto de atividades recreativas nascido na pós-modernidade que se desenvolve atualmente no tempo, ócio-ativo e turismo.

Devemos entender que as AFAN não solucionarão por si só os problemas da falta de conscientização empreendida na pós-modernidade. Porém devemos entender o conceito de aventura como uma oportunidade de re-significar sensações e emoções, que poderão contribuir para a mudança de comportamento e atitude partindo do ser humano e sua relação de interdependência com a natureza.

Segundo os PCN as atividades no meio natural desenvolvem uma atitude de observador crítico, atento a mudanças e as possíveis relações que o meio estabelece com o organismo durante uma atividade, além da busca por minimizar as marcas deixadas pelo homem no ambiente. O hábito de silenciar durante caminhadas ecológicas e a observação da natureza, ampliam a capacidade de percepção do sentir-se parte do meio e da responsabilidade sobre sua manutenção.

Assim sendo, esse é o grande diferencial, pois possibilita o despertar da consciência ambiental e corporal de forma integrada, no qual o indivíduo se percebe integrante do meio ambiente, podendo observar, estudar e contribuir para compreensão dos seus próprios desequilíbrios, que interferem no meio por suas ações (BRASIL, 1998).

A educação ambiental vai muito além do conservacionismo. Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes, valores, ações. Trata-se de uma opção devida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo (GADOTTI, 2000).

As AFAN surgem como metodologia estratégica de deslocamento do estudante versus aos espaços institucionalizados escolares, permitindo a ampliação do modelo formal de ensino conforme Marinho (2004) enfatiza que a educação física pode, valendo-se da experiência na natureza (longe das quadras, dos ginásios, das piscinas etc.), potencializar estratégias de ação para desenvolver, nos alunos, habilidades motoras, capacidades físicas e, até mesmo, fundamentos esportivos específicos. O interlocutor desta proposta estruturante é o Educador Físico, ele quem irá intermediar esse resgate da relação de conscientização do educando. Se o educador atentar aos parâmetros curriculares na Educação Física escolar, notará a importância do deslocamento dos estudantes a fim de estabelecer uma reinvenção do cotidiano.

Dentro do projeto pedagógico de cada escola, por meio das aulas de Educação Física, inclui-se essa dimensão no trabalho cotidiano, com a utilização tanto dos espaços da escola como das áreas próximas, tais como parques, praças e praias, espaços possíveis para as práticas. Representam o meio ambiente com o qual o indivíduo se relaciona e são oportunos para o desenvolvimento das propostas de trabalho, pois viabilizam a discussão sobre a adequação de espaços para a prática da cultura corporal, seja em locais mais próximos da natureza, seja nos centros urbanos. (BRASIL, 1998)

A formação dos professores precisa ser mais ecológica, além da apresentação de conteúdos clássicos da educação ambiental. Cardoso et. al (2006) mostra que o caráter educacional das atividades de aventura podem ser explorados pela educação física como uma nova possibilidade pedagógica. Compreendemos os inúmeros obstáculos relacionados ao cotidiano do planejamento escolar relativo ao profissional de educação física. Como é sabido, o profissional de educação física enfrenta alguns obstáculos como a falta de apoio no ambiente escolar, desconhecimento do professor sobre as alternativas educativas de visitas à natureza, além da formação acadêmica deficiente, entre outros.

Nessa mesma perspectiva Marinho (2007) enfatiza que assumir um compromisso ético com a natureza significa sentir-se parte dela, enxergando a si mesmo nela e ela em si, este sim seria um “olhar” que não aliena. Há muitos anos a Educação Física no Brasil aponta possibilidades de experiência junto à natureza, ainda mais em um país com abundância em riquezas naturais.

Muitas pesquisas e investigações dialéticas (MARINHO; BRUHNS, 2006; MARINHO, 2004) relacionam seres humanos e natureza, por meio das atividades de aventura, de forma que o tempo é significativamente privilegiado para uma transformação do sujeito através de experiências individuais. É nesta reinvenção da percepção tanto do aluno quanto do professor, que sistemas complexos e vivos passam a ser objetos de referência para compreensão da cooperação, solidariedade, conservação na lógica de uma ecologia profunda, inata do ser humano e que infelizmente se perde em meio à socialização em um sistema baseado no excesso de informação e na escassez do conhecimento.

Quando o alimento ficou escasso, a formiga tinha guardado comida e pôde sobreviver, ou seja, ela pensava no futuro, no futuro de seus filhos e dos filhos deles. A animada cigarra acabou morrendo de fome por só pensar no imediato. Achava ela que a comida nunca acabaria, mesmo se ela comesse todas as folhas das árvores”. Ele

traça um paralelo com as crianças dizendo “E as crianças, você já viu as crianças? Elas são tão inocentes a ponto de serem sábias. Você já notou que elas evitam pisar nas suas amigas formigas? Elas respeitam a vida mais do que os adultos e se forem ensinadas corretamente, elas não perderão essa sabedoria, se transformarão em adultos responsáveis e pensarão no futuro. (SOUZA ,1999)

Em uma busca de uma compreensão prática de toda a discussão abordada, esta que visa gerar a conscientização corporal e ecológica por meio da educação física, iremos relatar a partir de agora uma experiência própria ligada a caminhadas ecológicas para o despertar da consciência integral de jovens estudantes na Serra na Canastra, localizada no sudoeste do estado de Minas Gerais. Tal experiência fez parte das primeiras ações do projeto idealizado no início desta pesquisa, em meados do ano de 2011. O projeto permitiu a experimentação do uso das AFAN como metodologia de ensino para o desenvolvimento da minha formação como educadora física.

A oportunidade de vivenciar, todo este contexto da pesquisa, foi de grande valia, para experimentar esta ideia a cerca da questão Educação Física e Ecologia a serem trabalhadas juntas no contexto escolar. Ao buscar respostas sobre o que os jovens e adolescentes, pensavam a respeito das questões ecológicas e corporais, percebi que esse conceito era uma novidade que os interessavam. Acompanhei um grupo de vinte jovens com idade de até dezoito anos, durante um camping de final de semana promovido pelo professor de Geografia, de um colégio particular de Ribeirão Preto.

Considero este, o meu primeiro contato prático, com a pesquisa bibliográfica aqui representada, no qual ao acompanhar a longa caminhada da pousada até a Cachoeira mais próxima, encontramos um percurso muito bonito e cheio de surpresas. Pode-se encontrar no caminho diversas espécies da fauna e flora local, tucanos, lagartos, tatu e até tamanduás sempre passam por ali, tipos de solo e curiosidades a cerca dos conteúdos de Geografia foram bastante questionados pelos alunos. Constatei durante as conversas com as turmas, o fato de que a não ser por excursões de lazer, não houve durante sua trajetória escolar propostas de educação física e ecologia integradas, as atividades de educação ambiental estavam desconectadas, das aulas de educação física.

Para se ter abertura a uma nova concepção como esta de consciência corporal e ecológica, não basta ter os recursos, conseguir o deslocamento dos

alunos, se o educador não sentir e viver o que propõe. Percebi que o simples fato de caminhar, não desperta no aluno a amplitude do que é viver esta interconexão. Sinto que seria mais adequado iniciar um programa de sensibilização, antes da partida, com alongamentos, posturas e movimentos que remetem á natureza, uma breve explicação e vivência em grupos a cerca do corpo e do local visitado.

O aluno não toma consciência de si e do meio, em uma caminhada de algumas horas instantaneamente, existe um processo de incentivo, explicação por parte dos conceitos a serem observados, do elemento silêncio para voltar o olhar sobre si, com esta experiência notei que somente partindo dessas atitudes o professor de educação física pode obter diversos resultados positivos.

### **3.1 AFAN: UM OLHAR TRANSVERSAL PARA O DESPERTAR DA CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Um olhar apurado sobre a relação do corpo na contemporaneidade torna-se peça chave para compreensão das relações entre o individuo e sua subjetividade, ligados a fragilidade corporal, uma insegurança diante a sociedade e as relações políticas que o corpo revela por meio de suas limitações. São essas limitações que estabelecem relações de poder. Tal insegurança diante as limitações do corpo mostram o quanto o individuo buscou superá-las historicamente, na busca de estereótipos que os aproximam ou os distanciam. Esse corpo de referência foi ditado por padrões não somente intelectuais ou científicos, mas muitas vezes econômicos. Ao longo da história o individuo descobriu o quanto, através da legitimação do corpo, poderia dar reconhecimento, diferenciação e atenção de si diante o coletivo.

Todas essas discussões foram se aproximando do contexto, no qual o corpo ganha significado. Um dos territórios apropriados para tal significação corporal é a escola, meio híbrido de construção de sentidos e identificação do individuo na coletividade. O corpo de referência passa a se encontrar quando existe a possibilidade de educá-lo, mesmo que as referências de educação corporal estejam ligadas a padrões políticos e econômicos. As limitações do corpo impedem a

conscientização corporal e a Educação Física tem um papel fundamental no direcionamento da superação de tais obstáculos.

A emancipação e a ressignificação do corpo na Educação Física Escolar nos permite ir além dos padrões estéticos estabelecidos nas relações de poder e na construção de um corpo referência pela mídia, pois somos reféns de um sistema.

Nesse sentido, Foucault (1986) alerta que o controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo e com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo, investiu a sociedade capitalista.

A relação de poder estabelecida socialmente por intermediação do corpo no sistema econômico vigente nos distanciou cada vez mais da conscientização do mesmo, pois a busca por um padrão de corpos fortificados, produtivos e modelados são características desse homem máquina, o homem que deixou de lado a conscientização do seu corpo, para a padronização do mesmo (GONÇALVES, 2009).

O despertar da consciência corporal ajuda a transcender nossos limites de compreensão do mesmo, realizando um movimento de pressão contrária aos padrões de referência corporal existentes na contemporaneidade. Assim iremos notar o quanto a “educação é um meio de libertação” (FREIRE, 1996) para que o homem deixe de se preocupar com o corpo e passe a se preocupar com a consciência do mesmo. Torna-se necessário apostar nas AFAN como estratégia de desenvolvimento transversal do despertar sobre da consciência ecológica e corporal no contexto da Educação Física Escolar.

A elaboração de programas e ações integrando conteúdos apoiado nos PCN (BRASIL,1998), voltados para o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e psicomotor permitem que a Educação Física Escolar possa interagir pedagogicamente com as AFAN. Desde que, reconheçamos sua potencialidade pedagógica em estruturar na prática e em ambiente natural, todos os conteúdos de forma global e/ou fragmentada e teórica.

A vivência de uma aventura motora (caminhada), os conceitos de esquema corporal, expressão corporal, postura, equilíbrio, são prontamente atendidos nas AFAN, na qual a experiência de novas sensações e emoções faz despontar movimentos livres e naturais sendo que inúmeras habilidades relacionadas ao mundo social no que condiz às atitudes, valores e normas, autocontrole, capacidade

de decisão e uma conduta de respeito ao meio ambiente, podem ser prontamente despertadas por meio de tais atividades (TAHARA et al., 2006).

O aprimoramento de habilidades relacionadas a consciência do Eu, como o motor, o social, o afetivo e o cognitivo, são simplificados e possíveis quando em uma trilha ecológica permitimos a identificação de diversos conteúdos em seu contexto geográfico, as condições meteorológicas e as relações espaciais como trajetos, caminhos e direções, além da consciência corporal estimulada pela caminhada e o trabalho em grupo que favorece as relações socioafetivas.

Como já foi citado, não há possibilidade de desenvolver todas as propostas em apenas um dia de caminhada ecológica com a escola. A sensibilização do aluno ocorre de forma gradual, no qual a experiência prática da trilha ecológica será a conclusão de um trabalho previamente elaborado com todos os cuidados necessários para uma boa execução e a garantia de resultados.

Denominam-se práticas emergentes, o conjunto de atividades corporais (desportivas, recreativas etc.) que cada vez mais tem sido utilizada no interior das escolas como atividades curriculares. Acredita que, ao procurar novos referenciais para a Educação Física no interior da escola, “a Educação Física muito em breve “deverá ser” a disciplina escolar capaz de aglutinar em torno dela a totalidade e a complexidade das manifestações corporais dos sujeitos no plano da cultura” (OLIVEIRA, 1999).

Ao constatar que os alunos têm solicitado atividades diferenciadas de seus professores de Educação Física, Oliveira (1999) conclui que são claras as referências a uma saturação por parte dos educandos do tradicional modelo esportivo, hegemônico ainda hoje no interior das escolas.

Os PCN nos apresentam quatro grandes tendências pedagógicas: Psicomotora; Construtivista; Crítica e Desenvolvimentista. Nesse contexto, surge uma nova ordem nas propostas da atual “Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)”, orientando para que a Educação Física se integre na proposta pedagógica da escola (BRASIL, 1996). Essa nova ordem dá autonomia para se construir uma proposta, passando para a escola e para o professor a responsabilidade da adaptação da ação educativa escolar.

Betrán apud Munhoz (2003) reconhece que, na classificação das AFAN, podemos utilizar critérios englobados em cinco divisões:



Ambiente Físico: relacionado ao meio em que acontece a atividade, destacando as atividades de Ar, Terra e Água.

Pessoal: relacionado às emoções, sensações e vivências durante a prática da atividade. [...] Atividades: foram selecionadas trinta e duas atividades para representar cada grupo diferenciando-as pelos meios: ar, água e terra.

Valorização Ético-Ambiental: estas são atividades que ocorrem no meio natural, ocorrendo uma troca entre o meio ambiente e as pessoas, causando um impacto ambiental. [...] De acordo com as atividades, o número de participantes, a intensidade da prática, a duração naquele mesmo local, a estação do ano, o momento do dia, ao comportamento dos participantes e a fragilidade da fauna e flora local, que determinam o grau de impacto.

Ambiente Social: estas atividades têm um forte caráter individualista, portanto, é verificada a atitude individual do praticante para cooperar com o grupo ou não.

A educação traz uma importante contribuição para a construção de uma visão integrada do ambiente. Para ultrapassar a visão fragmentada que está presente nos planos e políticas públicas, é preciso reconhecer que a educação ambiental, surge como uma necessidade para a construção do desenvolvimento sustentável.

Nosso sistema de ensino, em se tratando da Educação Física, tem como característica a prática de exercícios físicos ou outras práticas esportivas, enquanto as aulas teóricas praticamente não se apresentam, exceto em dias chuvosos ou por algum tipo de punição, em que os alunos devem ficar em sala de aula, o que reforça um modelo de sociedade e de homem excludentes e pouco significativos em termos de valores para a qualidade de vida (GONÇALVES, 2004).

Segundo Brandão (2005), “na maioria das instituições os professores têm priorizado e enfatizado os conteúdos técnicos e fisiológicos das ciências do movimento humano, criando um estereótipo tecnicista e pouco significativo às suas intervenções.” No entanto, no campo do saber, cada vez mais prevalece a tendência holística da visão do todo, que estabelece pontes entre as diversas formas de conhecimento. Ao transitar por variados campos do saber, cruza-se livremente por uma espécie de pensamento transversal. Atualmente, vem se buscando a interdisciplinaridade e a complementaridade entre as áreas do saber.

A principal característica das AFAN é a originalidade e conteúdo diferenciado que a caracteriza na superação do velho com o novo, em uma intervenção proposta para a Educação Física Escolar, numa estratégia que visa valorizar o ensino prático e a interdisciplinaridade com a conexão entre os professores de Matemática, Biologia, Português, Geografia, História e claro a Educação Física e Ambiental, onde os mesmos deverão apresentar empreendedorismo, espírito de aventura e acima de

tudo ética, para que os alunos se espelhem e observem que a natureza sócio-econômica, arquitetônica, política e histórica, bem como o meio ambiente, sofrem transformações com a intervenção humana e que, quanto maior for a formação humanista e a consciência da importância do coletivo, menores serão os efeitos nocivos dessas intervenções para o homem.

Cada instituição de ensino com suas particularidades podem executar este trabalho de conscientização partindo de um diálogo, com parcerias entre empresários locais e o setor público, além do compartilhamento de experiências e de conhecimento, para elaboração do projeto que mais se adéqua a realidade local.

Segundo Meira (2007), a educação constitui elemento fundamental para a consolidação de novos conhecimentos de um modelo de desenvolvimento humano sustentável que conjugue crescimento, estabilidade econômica e justiça social. Com isso, um dos papéis da escola e do professor frente à educação ecológica é levar ao aluno novas visões de mundo.

Necessita-se formar cidadãos comprometidos com o bem comum e a coletividade interessante seria que os professores de todas as disciplinas trabalhassem com o tema ecologia, em datas comemorativas relacionadas que ocorrem ao longo do ano como a Semana Mundial do Meio Ambiente que acontece em Junho, pois contribui para que os alunos sejam capazes de identificar-se como parte integrante da natureza e sentir-se afetivamente ligados a ela. Promover o desenvolvimento ecológico na escola é ajudar o cidadão a se organizar, a se educar, para que repense o papel de cada um no planeta, identifique suas necessidades e conceba um futuro digno de ser vivido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as informações aqui apresentadas foram baseadas em uma pesquisa voltada para um estudo que vai além das reflexões educacionais, partindo para a inter-relação com temas transversais como a relação da Corporeidade e o Meio Ambiente. Foi necessário ampliar as discussões no campo das metodologias de educação dentro da escola, na qual se chegou à conclusão de que uma ótima estratégia para a resignificação de nosso corpo na escola voltada ao despertar da consciência corporal pode ser desenvolvimento por meio de práticas que coloque o aluno em contato direto com o meio ambiente.

Um olhar apurado sobre as AFAN permitiu que dentro de diversas possibilidades de metodologias para deslocar o aluno do território maniqueísta da escola, em um processo de “desterritorialização” desse ambiente, fosse escolhido as caminhadas ecológicas como uma atividade sintética e capaz de propiciar experiências sensoriais de percepção do corpo e sua presença na natureza.

Após as experiências práticas de caminhadas que tive oportunidade de realizar em parceria com uma escola, junto a alunos de até 18 anos em uma atividade de lazer dos mesmos, pude notar que é incorreto afirmar que não existe por parte das escolas programas ou abertura para a prática de programas de conscientização ecológicas e corporais, cada um em separado é trabalhado sim, mas na forma fragmentada como foi citado por diversas vezes ao longo da pesquisa.

Atentar para esta fusão de valores e promover capacitação e motivação necessárias aos professores, focados no desenvolvimento a cerca dessas questões são preceitos básicos que norteiam a meta de atingirmos à tão almejada qualidade total de vida, partindo do interior dos indivíduos, principalmente dos educadores.

Rever conceitos éticos de relacionamento com o próprio corpo, com a sociedade e ecossistemas, não são impossíveis para o alcance de mudanças de padrões. Cada vez mais, notamos que a transformação de paradigmas está

relacionada à capacidade de espelhamos no outro e em outras possibilidades de realização do fazer. Como exemplo, podemos lembrar que os bebês não aprenderam a falar através de um método que foi passado a eles. Somente após espelhar, ou se basear na experiência com o outro, surge a aprendizagem daquele conhecimento, no caso a língua, e depois são passados métodos para aperfeiçoamento daquele conhecimento.

Nesse sentido, nota-se que o despertar de qualquer processo, no caso desta pesquisa a conscientização corporal e ecológica por meio da Educação Física Escolar, se dá através da referência não somente do corpo, mas do comportamento do outro e das ações do mesmo.

O médico e escritor indiano Deepak Chopra (2011), na Universidade de Harvard nos Estados Unidos, foi questionado por uma educadora infantil sobre “como podemos influenciar, por meio da educação, nossas crianças para uma visão de expansão da consciência?”. E ele então disse: “Crianças, achamos que influenciamos suas mentes através da educação, mas realmente isso não acontece. Influenciamos as crianças através do nosso comportamento. Elas aprendem através dos neurônios espelho. Você não aprendeu seu idioma - ninguém te ‘ensinou’. Você aprendeu através dos neurônios espelho. Aprendemos as capacidades emocionais também através dos neurônios espelho. Se quisermos transformar nossas crianças, temos que transformarmos nós mesmos”.

Sendo assim, não basta uma proposta de metodologia de trabalho diferenciada, pois o que irá gerar a consciência corporal e ecológica nesse processo será a sensibilização e a intervenção pedagógica realizada pelo educador ao educando. São muitas as áreas de pesquisa que abrangem esse tema tão complexo de mudanças de padrões por meio da conscientização.

Da mesma forma, pode-se pensar a educação como formação do novo cidadão, político, protagonista de nossa sociedade. Temos que “aprender a aprender” e a escola tem que aprender também. Essa reflexão demonstra como a Educação Física Escolar é potente para o “despertar de um novo indivíduo em busca da realização de uma missão comum”. Afinal, se existe uma missão em comum entre todos nós, esta deve ser dedicada a uma meta maior, a da união entre todos os seres vivos por meio da ética, cooperação e compaixão.

## REFERÊNCIAS

- ANARUMA, S.M; EMERIQUE, P.S. **A consciência corporal e a formação do professor do Pré-escola e Ensino Básico.** Educação: Teoria e Prática – vol.5, nº 8, jan.jun.1997. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/2386/2113>> Acesso em: 12 de Maio de 2011.
- ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade.** Piracicaba: UNIMEP, 1995.
- BETRÁN, Javier. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza.** In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. Turismo, lazer e natureza. Barueri: Manole, 2003. p.157-202.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>> Acesso em: 08 de Maio de 2011.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BOFF, Leonardo. **A ilusão de uma economia verde**. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2011/10/16/a-ilusao-de-uma-economia-verde>> Acesso em: 17 de Outubro de 2012.

BRUHNS, H. T. **Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.18, n.2, p.86-91, 1997.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. Editora Cultrix. São Paulo: 1996.

CUNHA, I. A. P. **Educação Ambiental nas escolas**. Disponível em <<http://www.sprc.pt/edambi.htm>>. Acesso em 06 de Junho de 2011.

CURRIE, K. L. **Meio Ambiente: interdisciplinaridade na prática**. Editora Papirus, Campinas, 184p., 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GONÇALVES, Clézio José dos Santos. **Corporeidade: revisão do conceito**. 265 f. Dissertação (Doutorado) USP – Piracicaba, São Paulo, 2004.

GUERRA, R. T. (Org.) **O último pau-brasil e outras historinhas ambientais**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

LIMA, C.L.G. **Consciência Ecológica: Emergência, Obstáculos e Desafios**. Revista Eletrônica “Política e Trabalho” – São Paulo, 1998. P. 139-154. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/ecologiacritica.html>> Acesso em : 03 de Junho de 2011.

MAMEDE, S. B. **Interpretando a natureza.** Disponível em: <[http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu\\_anais/anais/meioambiente/implementacao.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu_anais/anais/meioambiente/implementacao.pdf)> Acesso em: 20 maio 2011.

MARINHO, A., BRUHNS, H. T. **Viagens, Lazer e Esporte : O espaço da natureza.** Barueri: Manole, 2006.

MARINHO, A ; SCHWARTS, M. G. **Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo.** Revista Digital – Buenos Aires – Ano 10 – N° 88 (Setembro de 2005). Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>> Acesso em : 09 de Março de 2011.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (orgs.). **Turismo, Lazer e Natureza** 1. Ed. São Paulo: Manole, 2003. V. 1500. 205 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto R. De Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOSÉ,V. **A Educação.** Programa Café Filosófico. São Paulo, 22 jul. 2010. Disponível em: <<http://cafesilosoficos.wordpress.com/2010/07/22/educacao-viviane-mose/>> Acesso em: 15 de Agosto de 2011.

OLIVEIRA, M. A. T. **Existe espaço para o ensino da educação física na escola básica?** Pensar a pratica 2: 119-135, Jun/Jun. 1998/1999. Disponível em : <[www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/download/152/138](http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/download/152/138)> Acesso em: 03 de Outubro de 2011.

PEREIRA, J.M.; MONTEIRO, L.R. **Atividades Físicas de exploração da natureza - em defesa do seu valor educativo.** Revista Horizonte , 1995. v.69, p.111-116

SOUZA, A. K. P. **As crianças e as formigas.** In: GUERRA, R.T. Educação Ambiental : Textos de apoio. 2007. Disponível em: <[http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:tfEPw2gEnJkJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as\\_sdt=0](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:tfEPw2gEnJkJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0)> Acesso em: 09 de Outubro de 2011.

TAHARA, A. K. ; CARNICELLI FILHO, S.; SCHWARTZ, G M. **Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação.** *Revista Motriz*, Rio Claro, v.12 n.1 p.59-64, jan./abr. 2006.

UNESCO. **Conferência de Belgrado 1975.** Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-educacao-ambiental/meio-ambiente-educacao-ambiental-5.php>> Acesso em: 24 de maio de 2011.